



Carrif Stand the Cowboy

**A Thatcher Ranch
Novel**

PENELOPE RYAN

Não suporto o cowboy
Thatcher Ranch Livro 1

Penélope Ryan

OceanofPDF.com

Addison Thatcher não suporta o cowboy.

Desde o momento em que ela põe os pés no rancho de sua família em Montana, Cruz Conley a irrita. Ele é rude, mandão e muito bom em lembrá-la de que ela não pertence àquele lugar. Infelizmente, ele também é o único encarregado de vigiá-la durante todo o verão — e toda vez que ele lança um de seus sorrisos irritantes para ela, seu pulso acelera pelos motivos errados.

Cruz conhece o tipo de Addison. Refinado, criado na cidade e destinado a partir. Ele já se iludiu antes e não tem intenção de se apaixonar por outra mulher com um pé fora de casa. Mas quando as discussões acaloradas se transformam nos melhores momentos do seu dia e ele se vê notando mais nela do que apenas seus comentários irritantes, ele se preocupa em estar se apaixonando — rápido demais.

Mas Addison veio para Cedar Ridge, Montana, por um motivo e, apesar de seus ataques de pânico debilitantes e do desejo por uma existência mais tranquila e tranquila, sua vida de volta à cidade — junto com as expectativas esmagadoras de seus pais — ainda a chama.

Ela veio para Thatcher Ranch para encontrar seu caminho. Em vez disso, ela poderia se perder para o cowboy que ela jurava odiar.

Avisos de gatilho: menção a automutilação, ataques de pânico e ansiedade.

Esta história é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos, pessoas ou lugares reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, eventos, personagens ou lugares são produtos de a imaginação do autor e qualquer semelhança com nomes reais, eventos, pessoas ou lugares são completamente coincidência.

Copyright 2025 por Penelope Ryan

OceanofPDF.com

Capítulo 1

Addison

Não sou exatamente uma garota *de fazenda*. Vida no campo, rural, na fazenda — como você quiser chamar. Não é a vida que levo. Ou que almejo. Em nenhuma circunstância.

Esse é o principal motivo pelo qual não piso no Rancho Thatcher desde criança, apesar da ligação familiar. A única razão pela qual estou aqui agora é porque minha mãe insistiu — leia-se, *ordenou* — *que eu* passasse o verão aqui. Por motivos que... bem, digamos que não concordo exatamente.

O Uber para, e levo um minuto para perceber que ele não está apenas parado num sinal de parada ou fazendo uma curva lenta. Ele está parado. Ou seja, meu destino chegou.

Ergo os olhos do celular e olho pela janela, curiosa. À minha frente, não há absolutamente nada. E não quero dizer nada mesmo. Nem um prédio à vista. Apenas campos se espalhando em todas as direções. Vejo até algumas vacas.

Eu limpo minha garganta. "Hum ... é isso?" Eu pergunto.

O motorista acena com a cabeça.

"Não deveria haver um com ... casa ou algo assim? Eu deveria ficar minha tia?", esclareço, como se ele se importasse.

Ele aponta para uma pequena placa ao lado da estrada. Diz: *Rancho Thatcher*.

Eu bufo. "Tem que ter outra entrada."

O motorista dá de ombros. "É para lá que o mapa está me levando." Ele ergue o celular como prova.

Dou uma olhada. Ele tem razão. Mas o mapa não pode estar lá. "Tem que ter outro lugar para onde você possa me levar. Talvez um pouco mais adiante na estrada." Aceno vagamente em

naquela direção.

O motorista balança a cabeça. "É aqui que o mapa me diz para parar. Além disso, esta é uma propriedade privada."

"Propriedade privada da minha família", eu digo.

Ele dá de ombros novamente, e sinto minha irritação aumentar. Depois de alguns instantes de silêncio tenso, pergunto: "Você quer que eu simplesmente saia... daqui?"

O motorista dá de ombros. Mais uma vez.

"Mas ... não há para onde eu ir."

"A menos que você tenha um endereço diferente para onde gostaria que eu o levasse..." O motorista dá de ombros.

Olho para o meu celular, pego o número da minha tia e disco. Depois de alguns segundos tensos de espera, cai na caixa postal. "Merda", resmungo. Disco o número da minha prima. Caixa postal também.

A frustração toma conta de mim, abro a porta do carro e saio pisando duro. "Tudo bem", murmuro, pegando minha bolsa e jogando-a no ombro.

O motorista sai, abre o porta-malas e puxa minha mala para mim.

O mínimo que ele poderia fazer, eu acho.

Pego a maçaneta dele silenciosamente.

"Tenha um bom dia", ele diz alegremente antes de voltar para seu assento.

Não respondo, simplesmente viro na direção da placa do Thatcher Ranch e começo a puxar minha mala pela estrada de terra. Ela raspa no cascalho, levantando uma pequena nuvem de poeira, mas me recuso a diminuir a velocidade. O Uber parte, me deixando sozinha no meio do nada.

Sigo pela estrada, com campos dos dois lados, uma vaca próxima, desviando o olhar do pasto para me observar. "O quê?", pergunto bruscamente. "Você também está tentando tornar a minha vida um inferno?"

Ele pisca.

Suspiro. Estou gritando com uma vaca, pelo amor de Deus.

Continuo meu caminho, na esperança, contra todas as esperanças, de ver algum tipo de construção por aqui em breve. As vacas se tornam cada vez mais numerosas à medida que avanço. Elas estão por toda parte. O que faz sentido para uma fazenda de gado, eu...

suponho. Meu olhar se concentra em um deles. Grande, alto, virado ... e indo diretamente para mim.

Não. Não é uma vaca.

Fico ... caubói?

boquiaberto quando o cavalo e o cavaleiro vêm correndo em minha direção pelo campo, obviamente tendo me visto e provavelmente se perguntando o que diabos uma mulher com uma mala está fazendo no meio da rua. À medida que se aproxima, o cavalo diminui a velocidade e ele o aproxima da cerca.

"Oi!", chamo, dando um passo em sua direção. "Preciso encontrar Theresa Thatcher? Minha tia", digo.

Ele me lança um olhar interrogativo sob seu chapéu de cowboy de aba larga.

"Theresa?" ele repete.

Em necessidade.

Ele franze o rosto, aparentemente sem saber o que fazer comigo. Olha ao redor, mas não há nada além de vacas ali. Nenhum lugar para onde passar a responsabilidade.

Ele se vira para mim. "Continue por esta estrada", diz ele, apontando, e sinto minha empolgação inicial se esvaindo. Vejo que não haverá cavalheirismo por parte deste caubói. "Vá até o celeiro e pergunte pelo Cruz. Ele vai te ajudar."

"Ok", eu digo lentamente.

Satisfeito, o caubói acena brevemente e vira o cavalo, voltando para o campo. Observo-o ir embora, um pouco incrédulo com sua falta de ajuda.

Mas esse parece ser o padrão do dia.

Pegando minha mala, continuo minha caminhada.

Quando o primeiro prédio aparece, meus pés estão cansados, meus braços doloridos e estou suando mais do que gostaria de admitir. Aparentemente, Pilates não prepara ninguém para carregar uma mala pela terra por quilômetros a fio.

O prédio é definitivamente um celeiro. Pelo menos parece um celeiro. Há alguns caminhões estacionados do lado de fora também, então presumo que haja alguém por aqui em algum lugar. Depois de um breve momento para recuperar o fôlego, com a mala na mão, sigo em direção às grandes portas do celeiro já abertas.

"Não acredito nisso", murmuro baixinho para mim mesmo enquanto entro, viro a esquina e quase esbarro em alguém.

Eu grito de surpresa e dou um passo rápido para trás.

O homem à minha frente parece completamente impassível. Alto, cabelos escuros, olhos escuros, músculos bronzeados brilhando de suor porque... puta merda, ele está *sem camisa*.

Sinto minhas bochechas ficarem levemente vermelhas.

O homem bufa, colocando no chão o fardo de feno que estava *carregando* — *carregando*.

Acho que é isso que os cowboys fazem. Ele me olha de cima a baixo, e eu me arrepio um pouco.

Ele inclina a cabeça. "Ou você está perdido..." ... ou filmar um videoclipe de música country."

Ele inclina a cabeça em direção às minhas botas de cowboy cor-de-rosa, da moda, agora muito empoeiradas. Elas pareciam um ajuste adequado esta manhã, mas agora me sinto apenas ridículo nelas.

Respiro fundo. "Não estou perdida. Sou sobrinha do seu chefe."

Ele assente. "Ah. Então, definitivamente perdido."

Cruzo os braços sobre o peito. "Estou no Rancho Thatcher, não estou?"

Um leve sorriso irônico surge em seus lábios. "Você está em um celeiro, Princesa. Os Thatchers moram do outro lado da propriedade."

Meus olhos se arregalam levemente ao ouvir a palavra "princesa". Condescendente, rude e... *humilhante*. Respiro fundo. Eu sabia que o motorista do Uber tinha me levado para a entrada errada. "Como?", pergunto.

"Eu disse que você está do lado errado da propriedade", ele repete.

Reviro os olhos. "Eu ouvi isso. Eu estava me referindo à parte *da princesa* ."

Ele enxuga as mãos na calça jeans empoeirada com um sorriso irônico. "Você realmente parece uma princesa para mim."

A irritação me invade pela milésima vez hoje, mas sinto que discutir com esse estranho não vai me levar a lugar nenhum.

"Você é o Cruz?", pergunto simplesmente.

Surpresa brilha em seu rosto.

Dispenso com um gesto. "Um cara a cavalo me pediu para chamar você. Me disseram que você poderia me ajudar com as minhas malas."

Ele bufa. "Duvido que ele tenha falado alguma coisa sobre bolsas."

"Bem, estou falando de malas", retruco, dando um passo deliberado para longe da mala e apontando para ela. Ele poderia muito bem usar aqueles músculos gigantesco. Aquelos músculos suados, brilhantes e completamente nus.

...

Cruz me encara por um longo momento, sem nos curvamos. Até que finalmente, com um sorriso irônico, ele diz: "Ok, princesa. Quer que eu te carregue pela lama enquanto estou aqui?"

A ideia de ser pega pelos braços grandes e fortes desse homem faz com que eu sinta um frio na barriga, mas me recuso a deixá-lo saber disso.

"Você não é tão engraçado quanto pensa."

Ele ri, o som baixo e profundo, nada útil para a situação de borboletas no estômago que estou enfrentando. Franzo a testa ainda mais.

Ele caminha em minha direção, levantando minha mala do chão sem esforço, como se ela não pesasse nada, e sai do celeiro. Eu o sigo. De costas para mim, ele inclina a cabeça em direção à caminhonete estacionada na frente, jogando minha mala sem cerimônia na caçamba com um baque alto.

Estremeço. Essa mala faz parte de um conjunto que ganhei de aniversário no ano passado. Um conjunto *caro*.

"Entre", diz Cruz, pulando no banco do motorista.

Faço o que ele diz, entrando ruidosamente no banco do passageiro. Ele pega uma camiseta amassada do painel e a veste pela cabeça, descendo pelo tronco. Isso não ajuda a diminuir o apelo dele. Bem, o apelo *físico* dele.

Em termos de personalidade, até agora ele não está causando uma impressão muito favorável.

Ele nem espera que eu ceda antes de dar ré e seguir pela estrada de terra.

Seguimos em um silêncio um tanto constrangedor por alguns instantes até Cruz quebrar o gelo. "Então você é sobrinha da Theresa, hein?"

Concordo com a cabeça. "É. Vou ficar aqui durante o verão."

"De onde você é?"

"Seattle."

Ele resmungava como se fosse algo ruim.

"Então, o que tem para fazer por aqui?", pergunto. "Quando o Uber passou pela cidade, pareceu meio... desolado", admito. Espero mesmo que Cedar Ridge, Montana, tenha mais a oferecer do que aquela parte patética da cidade pela qual passamos voando em cerca de sessenta segundos.

Cruz bufou. "Desolado?", ecoa. "Acho que usaria a palavra pacífico."

Balanço a cabeça, olhando pela janela. Imagino que um caubói *pensaria* isso. Não é esse o negócio deles? Viver da terra e tudo mais?

Embora eu suponha que "pacífico" seja exatamente o que minha mãe pretendia que eu encontrasse aqui.

Tento afastar os pensamentos sobre ela da minha mente.

Cruz gesticula para a janela. "Quer dizer, olhe ao redor. Olhe para aquelas montanhas", diz ele.

Abaixo a cabeça para enxergar melhor pela janela da frente. Ele tem razão. Pelo que vi de Montana até agora, é bem lindo. Apesar de eu ter passado cerca de uma hora do meu dia caminhando penosamente por uma trilha de terra com uma mala pesada nas costas.

"Claro, mas paisagens bonitas não são tudo. O que você faz?", repito.

Cruz me lança um olhar como se eu fosse louco. "Sente-se na sua varanda e *olhe* para ela."

Hm. Vejo que não compartilhamos exatamente a mesma ideia de "diversão".

Ele ri baixinho, e lá vem aquele frio na barriga de novo. A contradição entre sua aparência e personalidade é gritante.

"O que você normalmente faz para se divertir?" ele me pergunta.

Dou de ombros. "Sabe, coisas normais. Sair com os amigos, ir a festas, beber." Coisas típicas de um jovem de 25 anos. Olho-o de soslaio, de repente me perguntando quantos anos ele tem. Ele parece ter mais ou menos a minha idade, talvez um pouco mais velho. Eu o colocaria perto dos 30. Seu cabelo escuro e desgrenhado é incrivelmente atraente, e se não me engano, ele é meio latino.

Ele zomba e balança a cabeça.

Resisto à vontade de revirar os olhos. "O quê? Cowboys são mais propensos a festejar ou algo assim?"

“Princesa, tenho certeza de que suas festinhas na cidade não têm nada a ver com uma festa de cowboy.”

Agora é a minha vez de zombar. "Tá bom, garotão."

Arrependo-me das palavras assim que elas saem da minha boca, principalmente quando vejo os cantos dos lábios de Cruz se curvarem levemente e seus olhos se arregalarem, divertidos. Solto um suspiro rápido, cruzando os braços e me virando para a janela. A alegria dele em meio ao meu desconforto não é exatamente a recepção calorosa que eu esperava ao chegar.

Em poucos minutos, avisto uma casa de fazenda — uma que tenho quase certeza de ser a casa principal onde Theresa mora, junto com meu primo, Tate, e sua família. Assim que Cruz estaciona a caminhonete, saio pela porta e pego minha bagagem na caçamba.

Mas meus braços não são longos o suficiente.

Rindo — e só me deixando mais furioso — Cruz coloca a mão no bolso e pega minha mala, colocando-a na parte de trás do veículo e colocando-a na minha frente.

Com o queixo erguido, simplesmente digo: "Obrigado", antes de me virar e marchar direto para a casa.

"Claro, Princesa", ouço-o gritar atrás de mim. O uso daquele nome novamente desperta algo dentro de mim — algo próximo ao ódio. "Te vejo por aí."

“Espero que não”, murmuro baixinho.

Capítulo 2

Cruz

Apesar da carga de trabalho pesada do dia e do grande número de tópicos sobre os quais eu preferiria refletir, há simplesmente uma coisa que não consigo tirar da cabeça.

Essas malditas botas cor de rosa.

Mais especificamente, a mulher que os usa.

Quando ela apareceu no celeiro, com uma aparência exausta, mala a tiracolo, vestida como uma dançarina de fundo em algum videoclipe da Dolly Parton, pensei que tinha quase enlouquecido. Talvez a seca que eu vinha sofrendo tivesse se manifestado em alucinações com lindas donzelas em perigo.

E então ela abriu a boca.

Não, definitivamente não é uma alucinação. É mais como uma garota arrogante de Seattle que, por algum motivo, decidiu passar o verão aqui, apesar de chamar o lugar mais lindo do mundo de "desolado".

Mas eu gostei de provocá-la um pouco. Não consigo evitar. Irritar uma garota bonita — não importa o motivo — é sempre divertido.

Olhando para o sol que se põe lentamente no horizonte, entro na minha caminhonete e vou para casa. Felizmente, minha casa não fica tão longe assim.

Sou um dos muitos homens e mulheres que vivem em Thatcher Ranch em tempo integral. Sinceramente, é um ótimo trabalho. Eles são uma fazenda de gado bem-sucedida e rica, então têm alojamentos agradáveis, um refeitório e uma área comum.

E como assistente de capataz — trabalhando diretamente sob o comando da Tate Thatcher — tenho minha própria cabine. Não que seja glamorosa nem nada, mas é um degrau acima do alojamento compartilhado principal, cheio de caras roncando.

E, além disso, é impossível superar as vistas do Thatcher Ranch. Essas montanhas foram a razão pela qual me mudei para Montana.

Quando avisto a "Vila" — como todos os peões gostam de se referir à área de terra onde ficam nossos alojamentos, refeitório e área de recreação —, vejo um grupo de pessoas reunidas em volta de uma pequena fogueira sendo acesa. Estaciono rapidamente o caminhão e vou até lá, cumprimentando os amigos após um longo dia e aceitando uma cerveja que me oferecem.

Quando vejo Tate no meio do grupo, aproximo-me dele. "E aí, cara", digo. "Deixei sua prima na casa da fazenda hoje mais cedo. Pelo menos ela disse que era sua prima." Dou uma risadinha. "Encontrou ela?"

Tate ri, concordando. "Sim, Addison! Muito obrigada, aliás. Não acredito que o carro dela a levou até o curral de gado."

Addison. O nome combina com ela.

"Sim, ela pareceria deslocada em qualquer lugar de Montana, mas *especialmente* onde eu a encontrei", eu digo.

"É, coitada." Tate ri. Então, há um brilho nos olhos dele — um que eu reconheço. Significa que ele tem uma ideia. "Ei, na verdade..." Ele franze os lábios.

"Você me faria um favor?"

Meus olhos se estreitam involuntariamente. De que tipo de favor o Tate está falando? Algo que tenha a ver com a Addison? Me aproximei bastante dele ao longo dos cinco anos em que trabalhei aqui, mas que tipo de proposta ele está se aproximando?

Mas ele continua assim mesmo. "Você se importaria de... ficar de olho nela?"

Eu hesito, encarando-o por alguns segundos. "De olho nela?", repito.

"Mas... não seria mais fácil para *o que você tem a fazer?* Estar na casa da fazenda e tudo." Não estou tentando dizer *não ao meu chefe*, mas também não tenho certeza do que diabos ele está me pedindo.

Ou por quê.

"Ah, não." Tate balança a cabeça. "Ela não vai ficar na casa da fazenda. Com a mamãe, eu e a esposa, dois filhos e um terceiro a caminho? Mamãe achou que ela preferia ter o espaço dela." Ele ri. "Ela vai ficar na velha cabana de caça."

A antiga cabana de caça. As coisas estão começando a fazer um pouco mais de sentido. Embora a cabana não faça exatamente parte da Vila, fica perto. Muito mais perto da

Vila do que a casa da fazenda. E meu beliche, em particular, fica bem perto.

Droga. Ok, está cada vez mais difícil sair dessa.

Faço uma careta. "Ela precisa mesmo ser... vigiada?", pergunto, hesitante. Os Thatchers costumam receber familiares ou amigos na cabana, e eles sempre se deram bem.

Tate retribui com uma careta. "Para ser sincero, é algo que minha mãe me pediu e... bem, estou passando a responsabilidade para frente." Ele me lança um olhar culpado.

Eu gemo. O Tate não é muito mais velho do que eu. Trinta e poucos anos. Mas ele administra o rancho como se fosse muito mais velho. Acho que a morte do pai dele, há cinco anos, o fez amadurecer rápido na administração do rancho. Mas também acho que isso o torna um pouco filhinho da mamãe. Tudo o que a mãe dele pede, ele dá.

O que nem sempre é ruim. Quer dizer, Theresa é uma mulher doce.

Embora eu não esteja exatamente gostando da natureza doce dela neste momento.

"Mas, vamos lá — faz mais sentido que um de vocês fique de olho nela do que eu. Vocês estão todos aqui", Tate gesticula. "Além disso, tenho dois filhos e uma esposa grávida para ocupar meu tempo."

"Tá bom, tá bom", murmuro, lançando-lhe um olhar de desdém meio falso, meio genuíno. Quando se trata de quem tem a vida mais corrida, não consigo competir. Além disso, ficar nas boas graças do meu chefe nunca é uma coisa ruim.

Embora Addison Thatcher tenha o potencial de realmente estragar meu verão.

Ela me parece o tipo que dá trabalho. Não, esqueça. Ela é o tipo que dá trabalho. Não há dúvida.

Tate suspira. "Valeu, cara. Sério."

"Há algo em particular que eu deva observar?", pergunto. "Ela se transforma em lobisomem sob a lua cheia ou algo assim?"

Tate bufa. "Não. Ela só teve um ano difícil. É por isso que ela está aqui no verão. E, sinceramente, eu planejava passar mais tempo com ela se pudesse, mas, como eu disse, a família..."

Eu ignoro o comentário dele. Tate é o marido e pai mais dedicado que se pode encontrar.

Quase detestavelmente dedicado. É pelo que ouvi, a esposa dele tem tido uma gravidez um pouco difícil desta vez, então...

não é surpresa que ele não queira passar seu tempo cuidando de seu priminho.

O que significa, aparentemente, que eu tenho que fazer isso.

"Eu te devo uma", diz Tate com um tapinha nas costas.

"É, você tem", murmuro.

OceanofPDE.com

Capítulo 3

Addison

A cabana é... legal. Legal, no sentido de moderna, limpa, bem mobiliada. O gosto, por outro lado... bem, isso é questionável. Acho que não deveria me surpreender que uma cabana no meio da mata, em uma propriedade rural, tenha um tema "rústico". Simplesmente não é bem a minha praia.

Mas foi gentil da minha tia Theresa e do meu primo Tate me oferecerem este lugar para o verão, então vou aproveitar ao máximo. Tate me trouxe aqui ontem à tarde, e minha primeira noite foi, bem, tranquila, para usar as palavras do cowboy gostoso, porém irritante, de ontem.

Embora eu não vá dizer isso a ele.

Saio pela porta da frente da cabana, vou até a pequena varanda e desço correndo os degraus de madeira. Me emprestaram um carro para usar enquanto estiver aqui no verão. É da esposa do Tate, mas como ela está grávida, doente a maior parte do tempo e tem o Tate cuidando dela com carinho, ela disse que não precisa dele por enquanto.

Entro, ligo o carro e começo a atravessar a floresta, descendo a pequena colina até a casa da fazenda. São apenas cinco minutos de carro.

Tate insistiu que eu fosse jantar hoje — pelo visto, é alguma festa mensal da família? Ainda não entendi direito.

Em poucos minutos, estaciono em frente à casa da fazenda, estaciono o carro e entro. A casa, embora tão rústica quanto a cabana, é deslumbrante. Foi projetada e construída pelo meu falecido tio, Jim Thatcher, lá na época em que ele adquiriu a propriedade e fundou a fazenda. É onde todos os meus primos cresceram. Lembro-me de visitá-la durante os verões quando criança. É também onde Tate e sua esposa estão criando seus filhos.

"Addison!" uma voz calorosa me cumprimenta quando viro a esquina.

Theresa Thatcher está parada no balcão, reorganizando o conteúdo de sua bolsa. Seus cabelos grisalhos na altura dos ombros estão presos com uma presilha, e as rugas de expressão ao redor dos olhos refletem o tipo de pessoa que ela é. Ela contorna o balcão e me puxa para um abraço que é ao mesmo tempo familiar e estranho.

Faz tanto tempo que não a vejo, mas seu carinho me transporta instantaneamente de volta aos verões da infância que passei aqui. "Sinto muito não ter estado aqui para recebê-los ontem. A Lucy estava passando muito mal, então assumi a responsabilidade de cuidar das crianças", explica ela.

"Ah, não se preocupe com isso", digo a ela rapidamente.

"Tate disse que um dos peões do rancho ajudou você a encontrar a casa."

Concordo com a cabeça. "É. Cruz."

"Ah, Cruz é um amor", ela diz.

Eu não usaria exatamente essa palavra, mas não vou contradizê-la.

Um barulho de passos me fez virar e ver Tate entrando na sala, seguido por sua esposa, Lucy, e duas adoráveis garotinhas — com cerca de seis e dois anos.

Tate me cumprimenta com um sorriso caloroso e um abraço rápido. "Addison, você já conheceu minha esposa Lucy, certo?", ele pergunta.

Lucy se aproxima e me puxa para um abraço também. Nossa, eu tinha esquecido como a família Thatcher é fã de abraços. Não posso dizer o mesmo da maioria dos meus outros parentes. "Ah, sim, nos conhecemos no casamento do Levi no ano passado", diz ela.

Levi, irmão do Tate. Lembro-me vagamente de tê-la conhecido — junto com dezenas de outros parentes há muito perdidos. Típicas travessuras de casamento.

"Que bom ver vocês de novo", eu digo. "Muito obrigada por me deixarem passar o verão no rancho. Sério."

Theresa ignora meu comentário com um gesto. "Ah, por favor, estamos felizes que você esteja aqui."

Tate pega um molho de chaves no balcão. "Estamos todos prontos?", pergunta ele.

Olho com curiosidade para ele e para Theresa. "Para onde estamos indo?"

"Jantar", ele diz simplesmente.

"Nós vamos sair?"

Ele dá de ombros. "Mais ou menos. Vamos para o refeitório. Mais ou menos todo mês, damos um belo jantar para toda a equipe — este mês, é bife." Ele

arregala os olhos, pega sua filha mais nova e vai em direção à porta.

Lucy ri baixinho, seguindo-a. "Acho que ele fica mais animado com esses jantares do que os funcionários", ela me diz ao passar.

Sigo a família até o grande sedã estacionado na frente, observando Tate e Lucy acomodarem as crianças nas cadeirinhas.

"Você disse 'refeitório'", digo a Tate. "Os funcionários costumam fazer refeições no local?"

"Os que moram aqui, sim", ele responde.

"Você tem gente morando aqui?" Não sei por que isso me surpreende tanto. Acho que faz sentido para um rancho desse tamanho ter gente morando... chique, eu acho. O rancho éramos crianças. certamente cresceu no local. Parece que é assim desde que

"Ah, sim — dezenas de pessoas. Os alojamentos e o refeitório ficam bem perto do seu chalé. Eu queria te mostrar de qualquer maneira, porque você pode descer e comer no refeitório a qualquer hora. Você também é mais do que bem-vindo para vir aqui em casa", ele acrescenta, "só que provavelmente tem opções melhores no refeitório."

Concordo com a cabeça, entorpecida, lembrando-me de repente dos dois encontros que tive com os peões do rancho até agora. Nenhum deles pareceu muito amigável. Não exatamente rude, apenas...

Eu bufo. Não importa, sério. Já lidei com coisas piores.

Assim que as crianças se acomodam, o resto de nós entra no sedã, com Tate assumindo o volante, e seguimos por uma das estradas de terra que levam para longe da casa. Não demora muito para que os alojamentos apareçam. Um punhado de cabanas de vários tamanhos está espalhado ao redor de alguns prédios maiores no centro.

Tate aparece e salta para fora enquanto Lucy e Theresa tentam desafivelar os cintos das crianças.

"Este prédio central aqui é o refeitório", Tate me diz quando saio.

"Aquele estrada do outro lado da clareira? Uma caminhada de cinco minutos até lá e ela vai direto para a sua cabana."

Concordo com a cabeça. "Ótimo."

Já consigo ouvir o burburinho do lado de fora do salão enquanto nos aproximamos. Vozes altas, risos, o tilintar de pratos. Quando entramos, sou imediatamente recebida pelo maior grupo de, bem, *homens* que já vi. E não me refiro apenas aos homens. Refiro-me a *homens*. Homens fortes, musculosos e bronzeados. E embora nem todos eles possam preencher os requisitos de um modelo masculino, estão definitivamente todos em boa forma. Muito bem formados.

Isso me deixa um pouco constrangido. Até as mulheres — embora em menor número — são magras, em forma e musculosas.

Tento ao máximo manter o maxilar cerrado enquanto entramos. Tate, Lucy, Theresa e as crianças imediatamente se sentem em casa, cumprimentando amigos e conversando. Eu me agarro a Theresa, sentindo que ela provavelmente é a pessoa mais segura para ficarmos presos.

"Addison!" Tate chama, me chamando para o outro lado da sala.

Olho para Theresa e o sigo, indo até onde ele está com um senhor mais velho, com um avental enrolado na barriga.

"Este é o Hank", Tate apresenta. "Ele é o chefe de cozinha aqui. Já avisei para ele esperar você para as refeições."

Eu sorrio.

"Os funcionários têm horários de refeição rigorosos", diz Hank, "mas, para você, vou abrir uma exceção." Ele pisca. Mas não é de um jeito assustador — mais como um tio mais velho e gentil faria. Isso me faz rir. "Sempre temos coisas disponíveis."

Mesmo no meio da noite." Ele aponta para um canto do que parece ser um armário cheio de salgadinhos. "Você é bem-vindo aqui a qualquer hora."

"Obrigada", digo a ambos.

"Ah, e esse cara", diz Tate, olhando por cima do meu ombro. "Esse cara você pode incomodar por qualquer coisa."

Sigo seu olhar, virando-me, e meu sorriso vai se tornando cada vez menos genuíno à medida que atinge o alvo.

Atrás de mim, com as mãos nos bolsos da calça jeans azul empoeirada, está o irritante cowboy de ontem.

"Cruz, Addison. Addison, Cruz."

"Nós nos conhecemos", digo a ele.

"Eu sei, só para te apresentar de novo", diz Tate com um sorriso. "O Cruz mora perto da sua cabana. Ele estará por perto se você precisar de alguma coisa. Aliás", ele pega o celular, "vou te mandar o número dele agora mesmo."

"Ah, você não precisa...", começo, mas sinto a vibração reveladora do meu telefone nas calças e percebo que ele já o enviou.

Tate guarda o telefone de volta no bolso.

Pego o meu e olho para o contato que ele tinha acabado de me enviar. Cruz *Conley*. Argh, até o nome completo dele é sexy. Irritante e sexy.

Dou um sorriso forçado na direção de Cruz, e ele retribui imediatamente. Ótimo. Ele está obviamente tão irritado com as palhaçadas do Tate quanto eu. O que me irrita ainda *mais*. Eu me recuso a ser um fardo. Além disso, com o que eu poderia precisar de ajuda? A caminhada de cinco minutos até o refeitório?

Alguém distrai Tate, e ele dá um tapinha rápido nas costas de Cruz antes de sair, deixando nós dois sozinhos.

Cruz franze os lábios, parecendo desinteressado.

"Não se preocupe, não preciso de babá. Eu escovo os dentes sozinha e tudo mais", respondo, tentando livrá-lo dessa estranha responsabilidade que Tate lhe impôs e também provar que sou independente.

"Ótimo. Estava com um pouco de medo de acabar me envolvendo em alguma reforma de cabine que exigisse muita manutenção ou algo assim."

Eu me irrita. É isso mesmo que ele pensa de mim? Exigente e simplesmente uma tarefa a ser evitada? Cruzo os braços. "Novidade, cowboy: sou perfeitamente capaz de existir sem a sua ajuda."

Ele arqueia uma sobrancelha. "Existe, claro. Mas evidências empíricas de ontem sugerem que você pode precisar de ajuda com orientação e coisas do tipo."

"Tenho certeza de que vou ficar bem." Reviro os olhos. "E não sou exigente!", acrescento.

"Diz a mulher cuja mala pesa mais que um fardo de feno."

"Não ." Embora, sinceramente, eu não tenha ideia de quanto pesa um fardo de feno.

"Não foi você quem o carregou."

"Eu carreguei isso por metade do rancho!", eu retruco.

"Você diz isso como se fosse trabalho de outra pessoa carregar suas coisas por aí."

Meus olhos se arregalam, mas me recuso a deixar que ele perceba que me chocou. Levanto o queixo. "Se você odeia tanto isso, por que não diz ao Tate que se recusa a ser minha *babá*?" Faço aspas no ar ao final da palavra.

"Porque, ao contrário de você, eu não desisto quando algo é inconveniente."

Meu olhar se aprofunda — diante *dos dois* insultos que ele acaba de me lançar. "Ah, estou incomodando agora?"

Ele ri baixinho. "Princesa, você é a definição disso."

Estou quase pensando em repreendê-lo, em explicar que ele não tem a mínima ideia da minha ética de trabalho, de me ater a algo quando preferiria estar em qualquer outro lugar, que essa inconveniência tem sido a minha existência inteira — mas reúno todo o meu autocontrole para contê-la. Respiro fundo. "Bem, vou me esforçar ao máximo para não te incomodar", digo bruscamente.

Cruz fica em silêncio por um instante, apenas me encarando. O silêncio dura um segundo, dois, três, e então ele diz: "Bem, o Tate disse que preciso te ajudar se precisar de alguma coisa, então não hesite em ligar." Ele sorri, mas é falso, inclinando a cabeça em direção ao bolso da minha calça jeans, onde o contorno do meu celular fica visível.

Não sei se é a insinuação de que ele só está fazendo isso por causa do chefe, da nossa conversa tensa ou simplesmente de como ele está com uma cara tão gostosa agora, mas a irritação está borbulhando dentro de mim com tanta intensidade que me surpreende que não esteja saindo fumaça pelos meus ouvidos. "Prometo que não vou precisar da sua ajuda", garanto.

O canto da boca dele se ergue.

Minhas sobrancelhas se franzem ainda mais.

"Se você diz, Princesa", ele diz, dando de ombros, em voz baixa. E o caubói se vira e vai embora.

Capítulo 4

Cruz

Parece que, infelizmente, estou presa no trabalho de babá. Eu meio que esperava que a Tate simplesmente esquecesse disso. Quer dizer, que tipo de mulher adulta precisa de cuidados? Presumivelmente, ela sabe se virar sozinha.

Mas quando Tate nos apresentou novamente e fez questão de mandar uma mensagem de texto com meu número de telefone para Addison... bem, parece que estou preso.

O que, sinceramente, não seria a pior coisa do mundo se ela não fosse tão teimosa em ser irritante e argumentativa. Mesmo quando a conheci no celeiro. Nem um agradecimento à vista por salvá-la e levá-la até a casa da fazenda. Não. Em vez disso, ela parecia irritada com a minha presença. Sem motivo aparente.

Quando ela disse que era de Seattle, tudo fez sentido. Ela é uma garota da cidade. E uma Thatcher, ainda por cima — ou seja, ela é rica. Rica e da cidade. É um clichê, mas é um clichê por um motivo. São todos uns babacas. Todos eles. Acham que são melhores do que nós — aqueles que trabalham duro para viver e não se prendem a bobagens como roupas de grife ou ter uma casa em cada estado.

Minha cabana nas montanhas é mais do que suficiente para mim.

Endireito os ombros e me aprofundo no celeiro onde passei a maior parte da manhã. Hoje, minha principal tarefa tem sido o inventário. Garantir que estamos abastecidos de comida, suprimentos, equipamentos e coisas do tipo. Estou quase terminando minha inspeção completa quando um barulho alto vindo de fora me chama a atenção.

Trovão. E então, alguns segundos depois, o sinal revelador de chuva no telhado. Não é incomum ter tempestades na primavera e no verão aqui. Corro até a porta, espiando o que se transformou em um aguaceiro. Ufa. Eu sinto

ruim para os peões que agora serão encarregados de conduzir o gado para um abrigo.

Volto para o celeiro, passo os próximos vinte minutos ou mais terminando meu inventário e, em seguida, corro na chuva até a minha caminhonete. Enquanto dirijo pela estrada de terra em direção à Vila, observo a chuva que não para de cair. Parece que não vai dar trégua tão cedo. Ainda bem que é hora do almoço.

Estaciono em frente ao refeitório e entro ao som do eco de vozes e pratos. Vou direto para a frente do salão e pego um sanduíche pronto em uma das mesas. Hank sempre tem uma refeição do dia, mas eu sou um homem simples. Almoço um sanduíche de presunto e queijo todos os dias.

"Ei, Cruz!", ouço uma voz e me viro para ver Hank saindo da cozinha, limpando as mãos no avental sujo. "Você viu a prima do Tate hoje? Qual é mesmo o nome daquela menina fofa?"

"Addison", respondo. "E não, não a vi." E não sei por que Hank se importa.

Hank cantarola, olhando pela janela para a chuva torrencial, com as sobrancelhas grisalhas franzidas. "Ela ainda não entrou para comer nada. E duvido que ela queira com esse tempo."

Olho para o relógio na parede. 13h. Se ela ainda não comeu nada hoje, com certeza está morrendo de fome. E só pelo seu comportamento geral, consigo facilmente ver a chuva como um obstáculo intransponível para ela. Principalmente esta chuva.

Solto um suspiro irritado. "Vou levar um sanduíche para ela", murmuro, pegando outro da mesa e colocando-o num saco plástico. Não quero que fique encharcado. Dobro o meu de volta na embalagem e jogo-o lá dentro também, indo em direção à porta.

"Esse é um bom homem", Hank grita atrás de mim.

Enquanto entro na minha caminhonete e subo a colina em direção à cabana da Addison, minha irritação aumenta. Claro, "ficar de olho" nela já parecia ruim o suficiente. Mas agora eu sou um serviço de entrega de comida glorificado? Você pensaria que a mulher poderia vestir uma capa de chuva e caminhar cinco minutos até o refeitório.

Quando chego à cabana, saio correndo, corro até a varanda da frente e bato na porta. Como não recebo resposta imediatamente, grito: "Addison! É o Cruz. Trouxe o almoço para você."

Os segundos passam e ainda não há resposta. Olho por cima do ombro.

Há um carro estacionado na entrada da garagem. Ela deveria estar aqui. Olho pela janela. A cabine é pequena e aberta. Então, a menos que ela esteja no banheiro, ela não está lá.

Bato mais algumas vezes. "Addison?"

Depois de mais alguns minutos, franzo a testa, resmungando para mim mesma enquanto pego meu celular. Envio uma mensagem para o Tate.

Cruz: *Você sabe se Addison está na casa da fazenda?*

Nem sei bem por que me importo. Não é como se esse fosse realmente o meu trabalho. Mas antes que eu pudesse me aprofundar ainda mais nessa linha de pensamento, meu telefone vibrou.

Tate: *Acho que não. Ela mencionou que queria fazer uma trilha hoje de manhã. Ela ainda está fora?*

Então a mensagem desaparece, substituída por uma chamada recebida. Da Tate.

Merda.

"Ei", eu respondo.

"Você verificou a cabine dela?" Tate pergunta imediatamente.

"Estou aí agora mesmo. Estava levando o almoço dela para ela não ter que andar na chuva." Me sinto uma idiota falando isso em voz alta. Quase menciono que foi basicamente ideia do Hank, mas o Tate me interrompe.

"Merda, ela está lá fora na tempestade agora?"

"Eu não sei, quero dizer—"

"Estou do outro lado do rancho com o rebanho principal", interrompe Tate. "Se você estiver perto da cabana dela, provavelmente é lá que ela começou." Sua voz fica um pouco rouca no final da frase. A tempestade provavelmente está interferindo no serviço — o que não é nada bom aqui em cima, para começar.

Porra. Porra, porra. É claro que isso está me afetando. "Você quer que eu vá procurá-la." Não é uma pergunta. Porque eu sei a resposta.

"Me avise quando você a encontrar."

A chamada termina.

Fecho os olhos e expiro lentamente. Ótimo. Assistente de capataz — o melhor emprego do rancho, diriam alguns — e aqui estou eu, prestes a sair na chuva atrás de um rapaz de vinte e poucos anos que aparentemente não sabe ler um aplicativo de previsão do tempo.

Levo apenas uns dez minutos para dirigir de volta à Vila e selar um dos cavalos próximos. Embora fosse mais confortável — sem falar que seria mais seco — ir procurá-la na caminhonete, a maioria das trilhas do rancho não é acessível por veículo. Isso significa que serei mais rápido e eficiente a cavalo.

Que sorte a minha.

Instigo o cavalo a correr, de volta à cabana de Addison, e então entro nas trilhas próximas. Cavalgo sob a chuva com uma determinação molhada e sombria, parando de vez em quando para chamar Addison pelo nome. Consigo cobrir terreno bem rápido a cavalo, e supondo que ela tenha se mantido nas trilhas, deve ter ido bem longe, já que ainda não a encontrei. Ela andou a manhã toda caminhando? Ela não parece ser o tipo.

A ansiedade começa a tomar conta. Será que ela se perdeu da trilha? Será que ela pode se machucar?

Mas quando meu pânico começa a aumentar, avisto algo em meio à chuva torrencial: um clarão rosa brilhante.

Isso só poderia significar uma coisa.

Diminuo o passo do meu cavalo para um trote, soltando um suspiro de alívio quando Addison aparece do outro lado da colina. Ela caminha pela chuva — usando aquelas malditas botas de cowgirl rosa de novo —, com os braços cruzados, o cabelo e as roupas completamente encharcados.

"Addison!", grito, e ela se vira, apertando os olhos por causa da chuva. A princípio, ela parece aliviada, mas então algo mais surge em seu rosto. Algo semelhante a reconhecimento, decepção e determinação.

Ela franze os lábios, vira-se e continua sua caminhada.

O que ela está fazendo?

Diminuo a velocidade do cavalo para um passo, aproximando-me dela e olhando-a fixamente sob a aba do meu chapéu de cowboy encharcado. "Aonde você vai?", grito.

"De volta para minha cabana!" ela grita de volta.

"Você está indo na direção errada."

Ela para. Não olha para mim. Simplesmente fica ali, de braços cruzados, o peito arfando. Ela pisca para tirar a chuva dos olhos, praticamente ofegante. Eu a examino de cima a baixo. Ela está de jeans e uma camiseta branca. Uma camiseta branca que está... completamente transparente agora. Consigo ver as alças de um sutiã branco por baixo, e me pergunto se é tão translúcido quanto a blusa. Não consigo dizer direito do meu ângulo.

Balanço a cabeça imediatamente. Meu Deus. Não é a hora.

"Suba no cavalo", eu digo a ela.

Agora ela olha para mim e em seus olhos há raiva total.

"O quê?" Eu pergunto, surpresa.

"Estou bem, obrigada", diz ela, girando nos calcanhares e caminhando na direção oposta. Pelo menos agora é a certa.

"Addison, monta no cavalo", digo, frustrado, desmontando e correndo atrás dela.

"Addison!", agarro seu braço e a giro. Ela me encara, e meu olhar involuntariamente desce para seu peito por um instante.

Sim. É *tudo* transparente.

Uau.

OK.

Eu provavelmente estaria corando se não estivesse com tanto frio.

Putá merda, Cruz. Não é hora de pensar nisso, eu me repreendo.

Ou sobre *ela* em absoluto.

"Eu disse que não preciso de babá", ela diz, puxando o braço.

Com o sangue quase fervendo naquele momento, resisto à vontade de jogá-la fisicamente por cima do ombro e atirá-la sobre o cavalo. Eu conseguiria.

Ela não é tão grande assim. "É? Parece que sim, com você perdida nas montanhas durante uma tempestade."

"Eu não estava perdida!" ela grita por cima do ombro enquanto continua marchando pelo caminho.

"Você estava indo na direção errada!"

Ela não responde, e eu cerro os dentes, rosnando. "Addison, monta no maldito cavalo", tento de novo.

Ela me ignora.

“Você vai se machucar tentando provar algo que não vale a pena provar.”

"Talvez se você não me olhasse como se eu fosse inútil, eu não precisasse fazer isso", ela retruca.

Rosno novamente, correndo de volta para o cavalo e montando nele, guiando-o para seguir Addison. "Tudo bem!", grito para ela por cima da chuva. "Vamos *voltar* para a cabana. Na chuva torrencial. Por horas."

Ela para, virando-se para me encarar. "Pode ir." Ela acena para mim como se eu fosse uma mosca.

Dessa vez sou eu quem a ignora.

Irritação brilha nos olhos dela, e satisfação brilha nos meus. Ótimo. Passei a última hora sendo incomodado por ela.

"Vá embora!" ela grita.

"Não."

Ela suspira dramaticamente, virando-se e retomando a caminhada. Eu a sigo em silêncio, a chuva se recusando a parar. Caminhamos em silêncio por alguns minutos. Eu a observo do meu cavalo. Ela está tremendo. Tipo, visivelmente. Pelo menos estou de casaco e chapéu. Ela está vestida para um dia ensolarado — o que, algumas horas atrás, era. Mas a temperatura caiu, e ela está aqui fora há horas, na chuva. Ela pode até passar mal.

Uma estranha mistura de pena e aborrecimento me invade.

Um relâmpago atravessa o céu, seguido rapidamente por um trovão. Franzo a testa. Eles estão se aproximando, o que significa que os raios estão se aproximando. Não gosto disso. Não aqui, ao relento.

"Addison", grito novamente. "Precisamos sair da chuva. É perigoso."

Ela não responde. E por mais que eu não queira continuar gritando com ela, também não posso arriscar que nenhum de nós se machuque aqui.

Eu pulo no chão, gritando a plenos pulmões: "Addison!"

Isso chama a atenção dela. Ela se vira, com os olhos arregalados. Ela não está assustada, apenas chocada. Pelo menos eu consegui a atenção dela.

“Suba no cavalo ou juro por Deus que vou fazer você andar.”

Ela pisca. Um momento de silêncio se estende entre nós, e começo a me preocupar que ela vá brigar comigo de novo. Mas, felizmente, ela não briga.

Olhando para mim em silêncio, ela passa por mim e se aproxima do cavalo. Fica ali parada por um instante antes de dizer bruscamente: "O que eu faço?". É um silêncio, como se ela estivesse envergonhada.

"Aqui", murmuro, inclinando-me e entrelaçando os dedos. Inclino a cabeça em direção a eles, e ela, hesitante, coloca o pé na porta. "No três", ordeno.

"Um, dois, três." Ela salta, passando o pé por cima do cavalo. "Aproxime-se o máximo que puder", eu instruo.

Então coloco meu pé no estribo e pulo na sela atrás dela.

A sensação repentina do corpo dela pressionado contra o meu me pega desprevenido.

Ela está quentinha. Mais quentinha do que eu esperava, depois de ficar tanto tempo na chuva.

"Segure a trompa", digo a ela, com a voz subitamente mais suave. Estendo a mão, pego a dela e a coloco delicadamente sobre a trompa da sela. Meu peito está alinhado com as costas dela, meu braço e minha mão completamente sobre os dela.

Só então percebo que ela está em silêncio. Completamente silenciosa. Talvez seja o tempo mais longo que já passamos sem ela me xingar.

Pigarreio, inclinando-me um pouco para trás, tentando abrir o máximo de espaço possível entre nós — o que é inútil. "Segure firme", instruo, e então incito o cavalo a trotar.

Addison grita baixinho, movendo ambas as mãos para a buzina.

Ela está saltitando. O que é normal se você nunca montou um cavalo antes, nunca aprendeu a cavalgar corretamente, a carregar seu peso, a se manter centrado. Uma das minhas mãos segura as rédeas, e eu passo a mão livre em volta da cintura dela, puxando-a contra mim, tentando mantê-la nivelada.

Ela inspira fundo. Não ouço por causa da chuva, mas consigo sentir. Meus dedos cravam levemente na carne da sua barriga através da blusa encharcada.

Ela é magra, mas não magérrima. Tem carne nos ossos, o tipo de curvas que normalmente me deixam louco. Um pensamento me passa pela cabeça — minhas mãos percorrendo seu corpo — e eu tusso.

Jesus Cristo, Cruz, penso comigo mesmo.

Tento me concentrar em mantê-la firme e em continuar seguindo em frente.

Mas mesmo assim, a cavalgada é difícil. Não ousou fazer o cavalo ir mais rápido — se Addison não consegue trotar, definitivamente não consegue correr. Mas a bunda dela continua batendo em mim, sem parar, e — *porra*.

Engulo em seco, completamente alarmada. Não tenho ereções *acidentais*. Não sou adolescente, pelo amor de Deus.

Mas definitivamente está lá e definitivamente não vai a lugar nenhum.

De repente, trovões e relâmpagos estalam acima de nós, e Addison grita de surpresa.

Cerro os dentes. Não vamos conseguir voltar para a cabana.

Por vários motivos.

Nesse momento, avisto o que parece ser o nosso refúgio. É um celeiro. Um dos mais antigos da propriedade. Raramente o usamos — só no outono, quando às vezes reunimos o gado aqui. Mas agora é uma dádiva de Deus.

Conduzo o cavalo naquela direção, atravessando o campo em direção ao celeiro. Desmonto rapidamente, estendendo a mão para Addison e ajudando-a a descer também, e então nos conduzo para dentro.

A paz silenciosa de estar longe da chuva nos envolve, e respiro fundo. Amarro rapidamente o cavalo a um poste e tiro meu chapéu de cowboy encharcado, sacudindo a água do cabelo.

Quando termino, olho para cima e encontro Addison do outro lado da sala. Aparentemente, a mulher calma e dócil que estava no cavalo desapareceu e, em seu lugar, está a Addison que conheci nos últimos dias.

Há fogo nos olhos dela. Só Deus sabe por que motivo.

Solto um suspiro pesado, olhando para a chuva torrencial lá fora. Vou ficar presa aqui até a chuva parar.

Com ela.

Capítulo 5

Addison

"Você gritou comigo", eu retruco. Já era humilhante o suficiente para ele sentir a necessidade de vir até aqui na chuva torrencial e me "salvar". Mas gritar comigo como uma criança?

"Você estava sendo teimoso", ele diz friamente.

Meus olhos se arregalam. Ele está redobrando a aposta. O que não deveria me surpreender. Tudo o que ele fez desde que o conheço foi redobrar suas tendências babacas. Não sei se o homem é capaz de ser civilizado. "Obstinado?", repito.

"Foi você quem decidiu vir atrás de mim sem motivo algum e depois me ameaçou se eu não montasse no seu cavalo idiota!"

Cruz me encara por alguns segundos antes de jogar seu chapéu encharcado, furioso, em cima de um fardo de feno próximo. "Você está falando sério?", murmura, passando a mão pelos cabelos. Eles estão caídos para o lado, escuros, molhados e nada feios.

"Só porque você é um figurão no rancho não significa que pode mandar em mim!" Eu caminho em direção a ele, como se fosse dar um empurrão no peito dele para reforçar meu ponto de vista, mas em vez disso paro bem na frente dele.

Seus olhos escurecem, seu maxilar se contrai. "Eu mando em quem eu quiser neste rancho." Sua voz fica mais baixa. Ele paira sobre mim, e de repente me arrependo da decisão de invadir seu espaço pessoal. Ele é o fisicamente intimidador aqui, não eu. Água escorre de seus cabelos, pelo peito, pelos braços. A barba por fazer em seu rosto brilha com a chuva.

"Eu não trabalho aqui", respondo, desejando que minha voz soasse mais severa do que realmente é.

"Estou cagando", ele retruca, e estende a mão para agarrar meu braço. Não é áspero, nem dói, mas o contato é suficiente para me fazer ofegar baixinho. Sua mão está quente contra minha pele nua, praticamente queimando-a.

"Você estava em perigo. Você se *colocou* em perigo lutando comigo lá fora. Se eu tivesse que te jogar por cima do ombro como uma criança, *eu teria feito isso*." Ele diz as últimas palavras calmamente, seu rosto agora a centímetros do meu, me desafiando a contradizê-lo.

E eu provavelmente teria cedido normalmente. Provavelmente teria cedido e me desculpado. Mas ele se referindo a mim como *uma criança*? Cerro os dentes, franzindo a testa. "Gostaria de ver você tentar", sibilo.

Algo brilha em seus olhos — raiva, frustração, ódio — não tenho certeza. Tudo o que sei é que o irritei profundamente. Ele bufa, soltando meu braço, e a repentina falta de contato parece queimar mais do que o toque inicial. "Não me teste, Princesa", ele murmura.

Meu sangue ferve só de ouvir esse nome idiota de novo. "Não me siga como um pai helicóptero", retruco.

Ele ergue os olhos para o teto e passa a mão pelos cabelos novamente, exasperado. "Você estava *perdido*. Em uma tempestade."

"Eu estava *bem*", respondo bruscamente, mesmo sabendo que é um exagero. Eu estava em pânico desde o momento em que a chuva começou. Na verdade, eu estava ansiosa e inquieta a manhã toda. Foi por isso que decidi fazer uma trilha, para começo de conversa. Esse tipo de coisa não deveria fazer bem? Acalmar os nervos? Se alguém precisa acalmar os nervos, sou eu. "*Addison, você só* ...

precisa tirar essa cabeça do sério", minha mãe sempre dizia.

Mas as trilhas lá em cima eram confusas, e eu não sabia qual era o caminho de volta. E a chuva não ajudou. Mas tenho certeza de que eu teria descoberto. Eventualmente.

"Você estava perdido e sabe disso", Cruz rosna. "Que tal um 'obrigado'?" Ou pelo menos corte com a atitude."

O último comentário dele só me faz ferver ainda mais. "Atitude", murmuro para mim mesma. "Quem fala é você."

"Eu?" Ele parece chocado. E exasperado. E molhado. E com calor. Ele está de jaqueta, mas consigo ver uma camiseta por baixo, toda encharcada.

através, dando apenas um vislumbre daqueles abdominais que eu tinha visto outro dia.

Mas sua atratividade não anula todas as outras características dele.

"É, senhor. *Sou um cowboy durão e melhor que todo mundo*", digo, baixando a voz para causar efeito. Passei a vida inteira sendo microgerenciado, e não vou deixar esse babaca assumir o controle agora.

Minha mente volta momentaneamente para casa. Meu pai pairando sobre cada decisão da minha vida. Minha mãe se certificando de que eu me apresentasse bem, tivesse boa aparência e desempenhasse meu papel. Como filha única, eventualmente caberá a mim assumir o negócio imobiliário de luxo deles — o *verdadeiro* bebê deles. Então, minhas escolhas? Bem, elas nunca foram minhas.

É por isso que estou aqui. Para superar o... — Diz a garota metida da cidade — retruca Cruz. — Provavelmente já receberam tudo de mão beijada e estão com raiva porque você tem que se virar sozinha aqui em cima. E aí *eu* vou ter que ir atrás de você numa tempestade e te salvar. — Ele balança o braço no ar.

Entregue a mim? Mais como algo imposto a mim. Penso na minha vida. Nunca me perguntaram o que eu queria fazer com ela. O que eu queria fazer para me divertir quando criança, onde eu queria estudar, o que eu gostaria de fazer como emprego. Não, tudo estava planejado. Não importava que eu odiasse ser o centro das atenções, usada como o rosto da prestigiosa empresa dos meus pais, carregada para eventos como um pônei de exposição, terminando a noite com ataques de pânico, com medo de como a imprensa depois criticaria minha roupa, meu sorriso, se eu tinha engordado recentemente.

Eu era bombardeada com antidepressivos desde a adolescência por causa disso. *Não, ela não era tímida*, meus pais insistiam. *Só havia algo errado com ela*.

E eles insistiam, insistiam e insistiam. Até o mês passado, quando decidiram que eu faria um discurso no maior evento do ano da empresa deles. Um baile beneficente que eles organizam para os menos favorecidos de Seattle. Eu falava sobre como a empresa dos meus pais é ótima, como eles são ótimos, como estou animada para assumir o comando um dia. Não importava que eu mal conseguisse terminar os discursos de ensaio sem desabar. Não para eles. Significava apenas que eu precisava me esforçar mais.

Mas o medo não se importa com o quanto você se esforce. Porque quando subi naquele palco e pronunciei minhas duas primeiras falas, o ataque de pânico veio. Lembro-me do tremor, dos meus olhos perdendo o foco, do mundo se fechando sobre mim.

E as manchetes no dia seguinte. *Herdeiro da imobiliária mais prestigiada de Seattle sofre colapso mental público.*

Achei que talvez eles finalmente me vissem depois disso. Que percebessem que eu não era feito para isso. Que me deixassem viver em qualquer lugar, menos sob os holofotes.

Mas não. Eles me mandaram para cá.

“Um verão nas montanhas vai te fazer bem. Vai te revigorar. Para que você fique novinho em folha quando chegar o outono.”

Um relâmpago lá fora me chama a atenção, e é só então que percebo que estou tremendo. Meus dedos tremem e eu os cerro em punhos.

Nunca ajuda, mas eu sempre tento mesmo assim.

“Você está tremendo”, diz Cruz calmamente.

Não é toda a verdade, mas deixei que ele acreditasse que era.

Ele tira o casaco e o coloca sobre meus ombros.

“Não preciso disso”, digo, erguendo o queixo com firmeza.

Ele revira os olhos. “Você aceitaria se eu dissesse que consigo ver através da sua camisa?”

Assustada, olho para baixo. E engasgo. Minha camiseta branca e meu bralette estão completamente encharcados, não deixando absolutamente nada para a imaginação. HorrORIZADA por estar naquele estado o tempo todo, fecho a boca com força, sentindo meu rosto ficar vermelho.

O tempo todo em que andei na chuva, o tempo todo em que estivemos brigando aqui, eu tentando recuperar meu senso de dignidade perdido — e Cruz teve uma visão completamente desobstruída dos meus seios o tempo todo?

Interpretando meu silêncio como concordância, Cruz coloca seu casaco sobre meus ombros.

Sem dizer nada, puxo-o em volta do meu torso, cobrindo-me — e me sentindo um pouco mais aquecido.

“Sente-se”, diz ele ríspidamente, apontando para um fardo de feno ali perto. E, embora não pareça a coisa mais confortável do mundo, me faz perceber o quanto minhas pernas estão cansadas.

Sento-me, sentindo o cansaço do dia se instalar em mim. Cruz senta-se ao meu lado, embora com bastante espaço entre nós. Provavelmente não quer pegar piolhos de garotas da cidade.

"Olha, você não precisa gostar de mim", ele murmura depois de um instante. "Mas meu chefe confiou sua segurança a mim. E eu gostaria de continuar nas boas graças dele.

É simples assim."

Sinto-me irritado com a insinuação de que não sou nada mais do que uma tarefa.

Uma situação inconveniente, aliás. Traz todas as minhas inseguranças à tona. Nunca fui nada além de um fardo. Nunca consegui viver à altura.

"Não se preocupe, não vou me perder de novo", eu digo bruscamente, e é mais uma promessa para mim mesma do que para ele.

Ele resmunga em resposta, como se não acreditasse em mim.

Aperto ainda mais o casaco dele em volta de mim, ainda mortificada pela ideia de ele ter conseguido ver meus seios esse tempo todo. Para o crédito dele, pensando bem, ele pareceu manter um contato visual muito bom comigo. O que, na verdade, pode ser ainda mais constrangedor. Ele provavelmente não se sente atraído por mim — mesmo com meus seios de fora.

Isso é ótimo para minha autoestima.

"Você está com fome?" ele pergunta ao meu lado.

Eu simplesmente me viro e olho para ele. Sim, estou, mas não é como se houvesse um restaurante neste celeiro. Ele suspira e se levanta, atravessando o celeiro em direção ao seu cavalo. Ele enfia a mão na bolsa da sela, pega um saco plástico e o carrega.

Então ele tira dois sanduíches embrulhados em filme plástico. Parecem um pouco amassados, mas comestíveis. Ele me entrega um e, sem dizer uma palavra, senta-se e começa a comer o dele.

Olho para ele por alguns segundos. "Você trouxe isso?"

Ele concorda. "O Hank me fez levar o almoço para você, já que imaginou que você não ia querer andar na chuva — corta para o Tate e eu percebendo que você estava fazendo uma trilha e então eu saio correndo para te encontrar."

A sequência de eventos faz sentido.

Sinto uma vontade repentina de agradecê-lo. Nem que seja pelo sanduíche. Mas algo nisso me faz desistir. Como admitir que eu sou o problema. Que eu não pertenço aqui.

Ou em qualquer lugar.

Então, em vez disso, simplesmente como meu sanduíche em silêncio.

OceanofPDE.com

Capítulo 6

Cruz

Apesar de ela estar agora seguramente guardada em sua cabana, ainda passo o resto do dia pensando em Addison. Como ela parecia tão pequena lá fora nas trilhas — encharcada e tremendo. Caminhando com tanta confiança na direção errada. Seria engraçado se não fosse tão perigoso.

E se eu não tivesse concordado em levar o almoço para ela? E se ninguém tivesse percebido que ela estava perdida? Ela poderia ter ficado lá em cima por horas. Na chuva. E pelo fato de ter decidido, tão inquestionavelmente, continuar caminhando pela tempestade, duvido que ela tivesse tido o bom senso de se esconder ou evitar campos abertos quando um raio a atingiu.

E aquela atitude idiota dela. Me encarando como se eu tivesse subido ali para repreendê-la em vez de ajudá-la. Claro, eu posso ter repreendido um pouco, mas ela mereceu. O que diabos ela estava pensando?

E então há a imagem que não consigo tirar da cabeça. Addison com sua camiseta branca completamente encharcada, *tudo* à mostra. Sou um cavalheiro. Eu realmente não ia dizer nada sobre o estado dela — até ela se impor novamente em algo tão completamente estúpido e insano que me ...

obrigo a respirar fundo, interrompendo meu trabalho para me concentrar. Só tenho algumas tarefas para terminar no celeiro antes de ir para o refeitório jantar. O que essa mulher tem que me deixa louco? Já lidei com pessoas difíceis antes.

Bem, talvez não tão difícil quanto Addison.

E lá está — a imagem dela. Olhos escuros brilhando, queixo erguido, a blusa molhada exibindo curvas que deveriam ser ilegais. O contorno dos quadris, da cintura, dos mamilos duros, rosados, molhados e...

Porra.

Não. Não posso pensar em Addison Thatcher desse jeito.

A sensação da bunda dela contra meu pau enquanto eu saltava no cavalo me fez ...
respirar fundo.

O jeito como ela se comporta de forma agressiva me faz querer empurrá-la contra a parede mais próxima e enfiar minha língua em sua garganta. Quando ela praticamente me desafiou a colocá-la no colo, minha cabeça estava cheia até a borda de coisas horríveis e sujas — tudo, incluindo Addison nua, eu em cima dela.

Eu prendo o cavalo nupcial que estou carregando no gancho na parede.

Cale a boca, Cruz, digo a mim mesmo.

Olho para o meu celular. Passa um pouco das 18h e já estou tão farto do dia quanto possível. Pego meu chapéu e saio do celeiro em direção à minha caminhonete.

A chuva finalmente parou, o que é ótimo. Embora o rancho inteiro vá virar uma grande poça de lama pelos próximos dias. Entro na minha caminhonete e vou até o refeitório.

O lugar está lotado e animado quando entro, e vou direto para a mesa do bufê para ver o que Hank preparou para hoje. Depois da tempestade, espero algo quentinho. Quando vejo uma panela grande de chili, meu desejo se realiza.

Pego uma tigela grande, junto com uma porção de batatas fritas, e me viro para encontrar um lugar para sentar.

Meu olhar imediatamente se concentra em Addison. Sentado a uma mesa próxima, conversando com alguns peões do rancho.

Engulo em seco, sentindo-me repentinamente... nervosa?

Há um lugar vazio ao lado dela, mas decido não ocupá-lo. Ela provavelmente já está farta de mim por hoje.

No entanto, há uma cadeira vazia alguns assentos abaixo dela. Ao lado de alguns dos meus amigos também. Então, eu pego aquela.

"Então, onde você estava hoje durante o Armagedom?", pergunta um dos meus peões, Theo. Ele é alto — provavelmente uns 1,95 m —, mas não de um jeito imponente. Provavelmente um dos caras mais gentis do rancho. Sinceramente, ele teria sido mais indicado para cuidar da Addison do que eu. Eu provavelmente deveria ter tentado passar a responsabilidade para o outro, mas agora é tarde demais.

Eu resmungo. "Você não vai querer saber."

Ele ri baixinho. "Levei vinte minutos para tirar o gado de lá. Estava encharcado quando terminei."

Uma das técnicas veterinárias do rancho, Cora, ri do outro lado da mesa. "É, você parecia um rato molhado no almoço."

Theo revira os olhos, mas eu sei que ele gosta quando Cora o provoca. Ele está perdidamente apaixonado por ela e talvez seja o único que não sabe disso. Bem... além de Cora.

Uma gargalhada me chama a atenção, e meu olhar se desvia para Addison, na mesa. Ela está *rindo*. Rindo de verdade. Eu não imaginava que ela fosse capaz disso.

Olho mais de perto para ver com quem ela está rindo, e meu olhar se fixa em Graham, outro dos cowboys. Ele está contando algum tipo de história, acenando com as mãos no ar. Addison ri.

Olho fixamente para o meu chili.

Theo e Cora continuam conversando sobre o dia, e eu interrompo aqui e ali. Eventualmente, levanto-me para uma segunda tigela de chili e, quando volto, Theo já foi embora. Cora fica por ali por alguns minutos, terminando sua refeição, antes de ir embora também.

Continuo olhando para Addison e Graham. Eles estão perto o suficiente para que eu consiga ouvir a maior parte do que estão dizendo. Ela está contando a ele sobre sua "caminhada" de antes, convenientemente omitindo a parte sobre ela se perder e ser resgatada.

"Tem umas trilhas ótimas lá em cima", diz Graham, inclinado para a frente.

Longe demais.

Addison balança a cabeça.

"Sabe, se você quer um guia turístico..."

Resisto à vontade de revirar os olhos.

"Eu conheço um lugar ótimo nas montanhas onde posso te levar."

Certo, claro.

"Realmente remoto..."

Antes que eu consiga me conter, levanto-me, a cadeira de metal rangendo no linóleo. Ando pela mesa e me sento no lugar vazio ao lado de Graham. Ele parece assustado, e Addison, irritado — como sempre.

"Vejo que você conheceu o primo do chefe", digo incisivamente.

Graham concorda. "É, estávamos só conversando."

"Bem, ela provavelmente deveria voltar para a cabana. Foi um longo dia para ela." Meu olhar desce para a tigela vazia dele. "E vejo que você já terminou o jantar."

Graham franze os lábios e assente brevemente. "Sim. Certo." Ele olha para Addison e lhe lança um sorriso rápido. "Prazer em conhecê-la, Addison." Ele se levanta, pega sua tigela vazia e se dirige para a área de coleta.

Há um momento de silêncio e então: "O que diabos há de errado com você?"

Dou de ombros, encontrando seu olhar ardente. "Não gostei da ideia de você e o Casanova sozinhos na floresta." Não que o cara seja um predador nem nada, mas Graham flerta com praticamente qualquer coisa que respire.

Addison não é especial. Pelo menos aos olhos dele.

"Ah, então suas funções agora também envolvem bloquear picas?"

"Não acho que Tate desaprovava isso", digo honestamente.

"Tate não é meu pai."

"Não", respondo lentamente. "Mas se estivesse, provavelmente me agradeceria."

Ela solta uma risada curta, e não consigo deixar de notar como era diferente da risada anterior. Afiada, contida, condescendente. "Certo. Porque vocês são o Comitê de Boas-Vindas oficial e a polícia moral."

"Só para garantir que a garota da cidade não se meta em uma encrenca que ela não consiga resolver."

Ela estreita os olhos. "Eu sei me virar muito bem."

"Claro que pode", eu digo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tm Cant Stand The Cowboy Penelope Ryan..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).